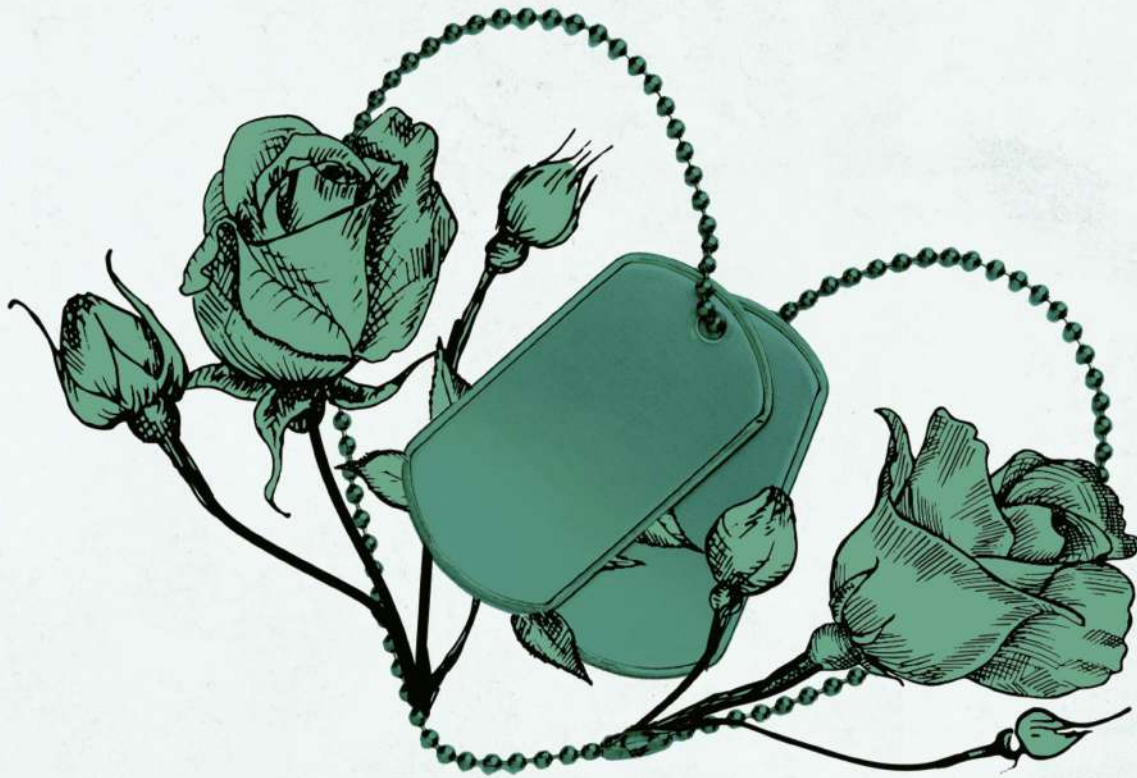


Era para ser um noivado de aparência...

Mas me apaixonei de verdade.



# Sem Saída

ELSIE SILVER

CHESTNUT SPRINGS • 5



## Beau

Achei que deixar meu irmão furo da vida e dar no pé me faria sentir alguma coisa.

Me enganei.

Até mesmo agir como um idiota raivoso quando eu deveria estar ajudando um amigo da família a se mudar para a casa nova é... sem graça.

Enquanto caminho pela rua principal de Chestnut Springs, fecho as mãos, cravando as unhas na pele.

Nem isso eu sinto.

Sinto apenas cansaço.

Mas não o suficiente para dormir.

A buzina de um trem soa, e eu travo. Durante anos, escondi de todos que barulhos altos me assustam, mas agora é diferente.

Seria de esperar que eu escolhesse entre lutar ou fugir, mas, hoje em dia, eu paraliso.

Paro.

Espero sentir algum tipo de emoção. Medo, ansiedade, decepção.

Mas atualmente não sinto nada.

Dou meia-volta na esquina da Rosewood com a Elm para ver o trem passar soltando fumaça. Seguindo seu caminho. Indo e vindo. Do ponto A ao ponto B. Carregar. Descarregar. Esperar a noite passar. Começar tudo de novo.

- Eu sou um trem - murmuro ao olhar para as rodas esmagando os trilhos.

Fico o dia inteiro no rancho porque é o meu trabalho. Faço tudo no automático. Detesto cada segundo.

Uma mulher passa por mim empurrando um carrinho de bebê e me lança um olhar confuso. Sua expressão muda para surpresa quando me reconhece. Será que fizemos o ensino médio juntos? Bem, isso vale para qualquer pessoa nesta cidade que tenha nascido na mesma época que eu.

– Ah, Beau! Desculpa, quase não te reconheci.

Provavelmente porque não corto o cabelo há meses.

Não lembro o nome dela, então forço um sorriso.

– Sem problema. Estou bloqueando a faixa de pedestres, né? Pronto...

Estico o braço para apertar o botão do semáforo para ela.

A mulher, que não faço ideia de quem seja, me lança um sorriso agradecido, ajeitando uma bolsa no ombro enquanto tenta segurar o carrinho abarrotado de coisas.

– Obrigada! É bom ver você por aqui. Você deixou toda a cidade preocupada por algumas semanas.

Minha bochecha se contrai mediante o esforço de manter o sorriso. Sim, eu era da JTF2, a força de operações especiais do Canadá. Sim, eu deliberadamente perdi o nosso transporte porque quis salvar um prisioneiro de guerra. Sim, passei algumas semanas desaparecido e fui encontrado totalmente debilitado.

Ainda estou em péssimo estado.

As pessoas adoram tocar nesse assunto.

*Você nos deu um belo de um susto.*

*Tenta não perder a carona da próxima vez, hein?*

*Aposto que está adorando receber toda essa atenção.*

É quando acham que não estou ouvindo que os comentários se tornam menos bem-humorados e ficam mais parecidos com punhaladas nas costas.

*Parece que ele vai surtar a qualquer momento.*

*Nem o terapeuta conseguiu dar jeito nele.*

*Pra mim aquilo foi estupidez, não heroísmo.*

Sei que todos são bem-intencionados, mas a maneira como expressam interesse me incomoda. Como se o fato de eu ter ficado preso em território inimigo fosse problema deles. Como se eu tivesse optado por deixar as pessoas preocupadas ou simplesmente decidido não atender o telefone. Civis não conseguem entender toda a merda que eu vi, as decisões que fui obrigado a tomar.

Então eu os ignoro.

– É incrível o apoio que a gente recebe em uma cidade pequena.

É o que sempre digo, porque não posso dizer o que realmente penso. Ser o verdadeiro eu, o novo eu, só deixaria as pessoas desconfortáveis.

– Bem, você tem apoio de sobra.

Com um aceno gentil, ela se vira e atravessa a rua.

Eu desvio o olhar, sem querer pegar o mesmo caminho, mas também sem saber para onde ir. Na direção oposta, acho.

É quando meus olhos avistam o The Railspur, o melhor bar de Chestnut Springs.

Não importa que o céu esteja azul e o sol brilhe em uma linda tarde de verão. Não importa que eu tenha irritado meu irmão Rhett. Não importa que um amigo precise da minha ajuda para carregar móveis a alguns quarteirões daqui.

Neste momento, o bar da cidade me parece um esconderijo bom pra caramba.

E uma bebida também não é má ideia.



– Gary, se você não pegar leve, vou confiscar as suas chaves.

O homem mais velho, de rosto avermelhado, zomba do aviso de Bailey quando puxou um banco perto dele. Viro o assento, apoiando o cotovelo no balcão, de frente para a porta. Este pode ser só mais um bar de cidade pequena, mas a última reforma deu a ele um toque de sofisticação que eu aprecio. A decoração em estilo faroeste domina o ambiente: o lustre em formato de roda de carroça pendendo sobre o piso de madeira polida e os potes de conserva que são usados como copos dão um toque rústico ao local.

– Não sei quando você ficou tão atrevida – resmungo, tirando o copo de cerveja da boca. – Você mal falava com as pessoas aqui. Agora está o tempo todo me dando ordens que nem uma ditadorazinha.

O cabelo lustroso, quase preto, balança sobre os ombros bronzeados de Bailey Jansen. Ela fica de costas e se abaixa para tirar os copos da pequena máquina lava-louças atrás do balcão.

– Acho que me acostumei. E você bem que precisa de alguém para te colocar na linha, velhote. Passa o dia sentado aí, só me perturbando.

– Nada disso. Eu sou muito legal com você, isso sim. Um dos poucos, inclusive.

Ela se vira com o pano branco na mão e aponta para o único cliente no bar vazio.

– É verdade. E eu te considero um amigo. Por isso te digo todo dia pra manear na bebida.

O olhar dela se fixa no meu. Os olhos escuros se arregalam com surpresa, como se ela não tivesse me ouvido chegar por causa da música country e do barulho da máquina lava-louça.

– Se eu parar, você vai ficar sem trabalho. E talvez sem amigo também.

Gary fala como se não tivesse percebido minha presença, mas ela responde sem tirar os olhos de mim.

– Eu vou sobreviver, Gary.

Bailey faz uma pausa, a ponta da língua surgindo entre os lábios.

Lábios carnudos e atraentes.

– Beau Eaton. Que bom ver você.

O homem se vira, agora ciente da minha presença.

– Cacete, esse aí é Beau Eaton? Sujeito grandão, hein? – balbucia Gary, e Bailey estica o braço para surrupiar as chaves do balcão.

Os olhos de Gary se fecham, e ele geme.

– Todo dia essa merda.

– É. Todo dia. – Ela enfia as chaves no bolso de trás da calça e se vira para a máquina lava-louça, onde os copos estão empilhados. – O que vai ser hoje, Beau? Está acompanhado? Vai se sentar no seu sofá favorito, né?

Engulo em seco e olho para o sofá onde meus irmãos, amigos e eu nos divertimos tantas noites. Parece que era uma versão diferente de mim que se sentava ali. O novo Beau se senta no balcão diante da vizinha tímida, que, inclusive, preenche uma calça jeans como ninguém.

Do lado do bêbado triste da cidade.

– Não, sou só eu hoje. Vou querer o mesmo que Gary estiver tomando.

– Desce uma cerveja gelada para o herói da cidade! – diz Gary, dando um tapa no balcão, e estremeço com o barulho repentino.

E pelo que ele disse. Vou acabar sendo esmagado pelo peso de ser colo-

cado num pedestal por todos à minha volta. Todo mundo está *sempre* me observando.

Olho fixamente para a mão envelhecida de Gary, rente à madeira polida do balcão. Fecho os olhos por um momento, e passo a língua na parte de trás dos dentes tentando não rangê-los. Quando levanto o olhar, me forçando a agir naturalmente, Bailey está com as sobrancelhas franzidas e as íris escuras perfurando o meu rosto como se me desvendassem por inteiro. O sorriso amarelo em meus lábios não parece impressioná-la. Na verdade, antes de me dar as costas para servir a cerveja com colarinho, ela balança a cabeça sutilmente, como se estivesse decepcionada.

Volto a observar seu corpo, e quebro a cabeça para lembrar a última vez que a vi. Ela sempre foi a doce e tímida Bailey Jansen. Infelizmente, nascida na família mais infame da cidade. O pai e os irmãos se envolveram em tudo de ruim que se possa imaginar – drogas, prisão, roubo –, e a mãe meteu o pé anos atrás.

O pior de tudo é que o terreno deles faz fronteira com o nosso. Dá para vê-lo da minha casa no rancho, do outro lado do rio. Então tratei logo de colocar uma cerca de arame farpado para que aqueles babacas não passem nem perto.

Mas, para mim, Bailey sempre foi diferente.

Sempre me senti mal por ela, sempre tive vontade de protegê-la, mesmo de longe. Dos olhares, das fofocas. Imagino que seja horrível viver em uma cidade pequena onde quase todos os moradores sabem de alguma história da sua família. Por isso sempre fui legal com ela. Eu gosto dela – não tenho razão para não gostar –, mesmo que mal a conheça.

Ela trabalha no The Railspur há anos, só não sei quantos. Por alguma razão, só agora notei a maneira como a camiseta dela sobe e mostra um pouco da pele lisa de sua barriga. E que seus seios perfeitamente redondos caberiam direitinho nas minhas mãos.

– Há quanto tempo você trabalha aqui, Bailey? – pergunto, observando seus ombros ficarem um pouco tensos.

Ela pigarreia.

– Pouco mais de quatro anos. Comecei aos 18.

Vinte e dois.

Porra. Tenho 35, o que significa que eu era adolescente quando... Afasto

o pensamento e baixo os olhos quando ela joga um porta-copos na minha frente, seguido de uma cerveja dourada, com espuma branca transbordando.

– Obrigado – resmungo, passando a mão pelo cabelo.

– Mm-hmm. – Isso é tudo que ela diz.

Desde que voltei, Bailey é a única pessoa na cidade que não se desdobra para me dizer que sou um herói. Ela não me olha boquiaberta, como se eu fosse um animal raro no zoológico.

Ela trabalha em silêncio, e tento evitar que meus olhos a acompanhem. Me pergunto por que ela interrompeu a conversa despreocupada assim que me sentei no bar.

– Desaparecido por duas semanas, hein? – começa Gary.

Vejo Bailey revirar os olhos enquanto seca um copo de cerveja até ele ficar brilhando.

– É.

– E como foi?

Ah, que ótimo. Esse é de fato o único assunto que as pessoas têm comigo.

– Gary!

Bailey deixa as mãos caírem ao lado do corpo, e seu rosto é tomado por puro choque.

– O que foi?

– Você não pode sair por aí fazendo perguntas assim.

– Por quê?

Não consigo evitar. Dou uma risada e decido aliviar o lado de Bailey. Ela não precisa me socorrer.

– Estava um calor danado. Arranjei um belo bronzeado.

O homem franze o cenho num movimento um pouco lento. Eu me pergunto há quanto tempo ele está aqui, porque mal passou da hora do almoço e ele já está visivelmente mamado.

– Soube que você se queimou. Só não foi o tipo de queimado que eu desejaria.

– Ga-ry.

Pela maneira como Bailey pronuncia o nome dele, fica claro que esse tipo de questionamento realmente a deixa horrorizada.

Passo a mão pelo balcão, chamando a atenção dela.

– Está tudo bem. Todo mundo sabe das queimaduras.

Os olhos de Bailey ficam um pouco vidrados.

– Sério, eu prefiro que as pessoas sejam diretas do que puxem meu saco ou fiquem cheias de dedos comigo. Por que você acha que estou me escondendo aqui no meio do dia?

– Porque a Bailey é a melhor bartender da cidade!

Ela bufa, esboçando um sorriso enquanto volta a polir um copo. Tento lembrar se já a vi sorrindo de fato. Não tenho certeza. Bailey está sempre ocupada tentando passar despercebida, e eu só venho aqui nos dias mais movimentados. Nem sei se já tinha ouvido a voz dela direito até agora. Há um tom melodioso nela – uma gentileza – que é quase reconfortante.

Estou de saco cheio de falar com as pessoas, mas ouvir a voz de Bailey não me parece tão ruim assim.

O primeiro gole da cerveja desce gelado e refrescante. Dou um suspiro, sentindo um peso sair dos meus ombros na presença do bêbado local e da pária da cidade.

Agora os reconheço como semelhantes. Sou um desajustado em minha própria cidade.

– Fiquei com queimaduras de terceiro grau nos pés – anuncio, já que a franqueza parece ser um oferecimento da casa. – E fiz enxertos de pele.

– Não se preocupe. Alguma garota com fetiche bizarro por pés vai adorar essa merda.

Bailey apoia as mãos na beirada do balcão e abaixa a cabeça com um gemido.

– Meu Deus, Gary. Chega de cerveja.

– Desde que seu pau esteja funcionando. – Ele faz um movimento com as mãos como se estivesse escaneando meu corpo. – O rosto está ótimo, não é, Bails? Vai ficar tudo bem, garoto. Você vai encontrar alguém que te ame.

Mesmo bêbado, Gary tocou em um ponto sensível. Nunca fui vaidoso ou obcecado pela minha aparência. Nunca precisei ser. A boa genética e a necessidade de ficar em forma para meu trabalho ajudaram bastante.

Quem diria que cicatrizes nos pés abalariam a minha confiança? Malditos *pés*. Como se eles fossem grande coisa. Poderia ter sido muito pior. Eu deveria me sentir grato. Mesmo assim...

Bailey e eu ficamos nos encarando. Seu cabelo escuro tem um brilho de mogno nos pontos em que a luz bate. É sedoso e macio, descendo em

camadas, da franja comprida, que chega à altura do queixo, até o ombro, e depois mais para baixo, até as costas. Parece que Bailey também não corta o cabelo com frequência. Minha atenção é atraída para seus cílios; são tão grossos e pretos que ela fica parecendo uma daquelas bonecas antigas. Ela não está usando um pingote de maquiagem, revelando algumas leves sardas salpicadas pelo nariz.

Um rubor intenso tinge suas bochechas quando ela responde com suavidade.

– É.

Ela pisca e desvia o olhar.

Seus olhos e aquela palavrinha... fazem meu sangue correr mais depressa.

Fazem com que eu enfim sinta alguma coisa em um mar de entorpecimento.

Sinto um bolo na garganta quando engulo em seco, tentando dissipar o momento. Talvez eu não esteja pronto para sentir nada, afinal.

Tomo outro gole e me pergunto quantas cervejas vou precisar entornar para conseguir dormir por mais do que algumas horas hoje à noite.

Então tomo mais um gole, passo a mão no queixo com a barba por fazer e me viro para Gary.

– Amor é a última coisa de que preciso. Mas esta cerveja está caindo bem demais. Obrigado, Gary.

Falar com ele parece seguro o bastante. Mais seguro do que falar com Bailey Jansen, que me observa intensamente com aqueles grandes olhos de corça.

## Bailey

Faz duas semanas que Beau Eaton entrou no meu bar no meio do dia. Duas semanas desde que o vi e quase deixei o copo escorregar da mão. É difícil ignorá-lo: alto, ombros largos, corpo definido e pernas longas que o deixam mais de um palmo maior do que a maioria dos homens que entram por aquela porta. O cabelo castanho-claro, um pouco comprido demais, cai sobre sua testa e emoldura perfeitamente aqueles olhos cinza-prateados. Mesmo com o visual um pouco desleixado que ele adotou nos últimos tempos, Beau Eaton é um gostoso. Me sinto totalmente intimidada.

Além de gostoso, Beau também é gente boa. E engraçado.

Uma tripla tentação – pelo menos costumava ser.

Ele nunca me tratou com ar de superioridade, mesmo sendo esse o comportamento da maioria. Eu só o conheço do bar, e ele nunca usou a reputação da minha família contra mim. Sempre me dirigiu palavras gentis, deu toques educados no cotovelo e deixou generosas gorjetas no final da noite.

Ele continua sendo o príncipe da cidade, e eu ainda sou a escória. Ele é o herói e eu sou a bartender.

Ele é um Eaton e eu sou uma Jansen.

Mesmo assim, ele vem aqui todos os dias desde a tarde em que entrou parecendo um animal que tinha acabado de sair da jaula.

Beau Eaton, todo santo dia bebendo com aquele filho da mãe do Gary.

Na primeira vez ele foi fofo. Encantador, na verdade. Mas, nas últimas duas semanas, seu humor mudou da água para o vinho, transformando sua presença em uma nuvem carregada.

Chegamos ao ponto em que ele já está deixando todo mundo desconfortável. Dá para sentir a tensão no ar, como se um raio estivesse prestes a cair.

Também já estou ficando de saco cheio. Ele me faz lembrar do meu pai e dos meus irmãos, e tenho pouca paciência para esse tipo de comportamento tóxico.

Beau chega no meio da tarde e toma suas cervejas devagar, em silêncio, fervilhando por dentro. Juro que consigo ver sua frustração atingir o ponto de ebulição diante dos meus olhos. Sua mão aperta o copo e ele toma goles tensos, chegando a ficar com os nós dos dedos brancos.

Tenho quase certeza de que ele vai quebrar um copo qualquer dia desses. Ele é grande demais, forte demais, zangado demais para apertar algo tão frágil com tanta força.

Quando lhe dirigem a palavra, ele passa a língua na parte de trás dos dentes como se fizesse um esforço consciente para não morder os outros ou coisa parecida.

– Então, o que você fez naquelas duas semanas que passou no deserto?

Fico sem ação com as palavras de Gary. Sei que a intenção é boa, mas o sujeito não está captando a tensão do ambiente. Não está prestando atenção em Beau. Não deve ter percebido como ele ficou tenso com o estrondo da tempestade há menos de trinta minutos. Até agora não relaxou.

Sim, Beau está a ponto de explodir, mas Gary não percebeu.

– Tentei ficar vivo – diz Beau.

Há um tremor em sua voz, algo que me faz lembrar o rosnado de um cachorro. É um aviso para recuar.

Só que Gary está bêbado demais para perceber.

– Dizem que você perdeu seu voo de propósito para ficar para trás e salvar aquele jornalista. Vai ter complexo de herói assim na casa do caramba.

Suas palavras se engrolam, a voz arrastada.

Beau apenas encara a cerveja, contemplando o líquido dourado. Eles já conversaram sobre isso, mas o álcool deixa as pessoas repetitivas. Sei disso porque passei anos estudando os bêbados. Sou especialista no assunto.

– Imagina como seria sua vida se você não tivesse feito aquilo.

Fecho os olhos, porque meu instinto me diz que existe um limite, e Gary acabou de ultrapassá-lo.

Ou simplesmente fez picadinho dele.

Beau faz um movimento brusco com o braço musculoso e derruba o copo dos dois no chão. A cerveja espirra em alguns clientes sentados por perto e, se não fosse pela música alta, tenho certeza de que o bar estaria em completo silêncio enquanto a confusão se formava.

Beau se levanta tão rápido que seu banco cai para trás com um estrondo. Gary parece aterrorizado.

– Imagine como seria a sua vida se você não estivesse sentado aqui bebendo e passando vergonha todo santo dia. Já pensou nisso, Gary?

Ele solta um arquejo, a cerveja derramada fazendo a camiseta de algodão grudar em seu peitoral definido. Só uma pessoa que cresceu numa casa como a minha pararia tudo para dar uma bela conferida em um cara nesse momento.

Bem, o Beau não é meu pai, então não fico com medo.

– Beau. – Minha voz sai clara, sem hesitação.

– Sozinho todo santo dia, conversando com uma menina. Isso é coisa de tarado...

– Beau Eaton, cala a boca e dá o fora.

Ele se vira e fixa os olhos cinzentos nos meus, como se tivesse acabado de notar minha presença. Como se não esperasse que a pequena Bailey Jansen rosnasse para ele.

Beau endireita a postura, parecendo mais alto, mas sua altura não me amedronta.

Ele não me amedronta.

Nem quando está assim.

Aponto para a saída de emergência que leva ao pátio, e minha mão nem treme. Não estou nervosa. Estou é puta da vida.

Beau tensiona o corpo e se afasta, contornando o final do balcão, passando pela estação dos garçons e indo em direção à luz fraca da saída. Se eu não soubesse quanto ele andou bebendo, não notaria seu leve cambalear nem a maneira como ele se apoia na porta um pouco mais do que o necessário.

Antes de passar pela portinha vaivém do bar para ir atrás de Beau, olho para Gary.

– Peguei pesado, né? – pergunta ele, desviando o olhar.

Contraio os lábios.

– É, Gary. Você passou do ponto.

Ele corre as mãos pelo cabelo ralo e abaixa a cabeça, dando um tapinha nas chaves que colocou sobre o balcão assim que se sentou.

– Vou pegar um táxi.

Assinto com firmeza antes de sair para o pátio escuro. A tempestade de verão afugentou todos que estavam sentados lá fora, seus copos abandonados agora parcialmente cheios de água da chuva.

Ainda dá para sentir o cheiro do temporal. O de Beau, também. Pinho e limão se misturam com algo mais profundo, mais sensual. Tabaco, talvez. Algo parecido com charuto.

Ele está apoiado contra a fachada de tijolos da estação de trem que virou bar. Quando me aproximo, ele enfia os punhos cerrados nos bolsos da calça jeans, abaixa a cabeça até o queixo quase tocar o peito e mantém os olhos fixos nos tênis que sempre usa.

Eles não têm nada a ver com o estilo dele – são brancos e lustrosos demais, limpos demais.

– Você não pode fazer uma merda dessas no meu bar – digo.

Ele dá uma risada de desdém, ainda se recusando a fazer contato visual.

– Ah, seu bar, é?

– É, Beau. Meu bar. Meu lugar. O único lugar nesta cidade em que as pessoas não me tratam que nem merda. Eu dou duro trabalhando aqui. Ralo todos os dias para os clientes gostarem de mim. Aquele balcão de madeira é a *minha* bolha. Gary não é um tarado. Ele é solitário à beça. E é uma das poucas pessoas que sempre é gentil comigo. Então, se você acha que pode chegar no meu bar bancando o babaca intocável e assustando todos os meus clientes assíduos com as suas palhaçadas, está muito enganado.

Agora seus olhos estão em mim, um pouco instáveis, semicerrados.

– Bancando o babaca intocável?

– É.

Cruzo os braços, como se eles pudessem me proteger dele. Beau parece meio agressivo hoje, meio perigoso – bem diferente do cara bem-humorado que todo mundo conhecia antes de sua última missão.

A luz prateada brinca com suas feições. Sua pele bronzeada e seus olhos quase reluzem. A única coisa que se move entre nós é seu peitoral, subindo e descendo, acompanhando minha respiração.

Mas não desvio o olhar. Estou cansada de homens que tentam me intimidar. E isso nem combina com a personalidade dele, então não vai acontecer.

Depois que nossa troca de olhares passa de um momento acalorado para um território estranho, ele pisca, trincando o maxilar.

– Fiz um papelão, né? – Sua voz está rouca e vibra sobre minha pele.

– Fez, sim. Sorte sua que você é um Eaton, então todos vão te perdoar e voltar a beijar os seus pés no minuto em que você voltar lá e abrir um sorriso.

– Porra, Bailey. Você realmente acabou de me dizer isso?

– Aham. – Inclino a cabeça. – Porque é verdade. Bastou eu nascer para que todo mundo me olhasse como se a parte ruim da minha genética fosse dar as caras a qualquer momento. Como se de repente eu fosse deixar de ser trabalhadora e educada e virar um gênio do crime caipira, só porque meu sobrenome é Jansen. – Ele franze mais a testa à medida que vou falando. – Então é isso. Acho que você vai ficar bem, mesmo que tenha feito um papelão.

– Isso não é verdade.

– Qual parte?

– Que as pessoas pensam isso de você.

– Haha! – Minha risada sai aguda e sem humor. – A sua ingenuidade é uma graça – digo, balançando a cabeça em descrença.

– Bem, eu não vejo você assim.

Engulo em seco e desvio os olhos. É verdade que Beau sempre foi gentil comigo – com todos. Talvez seja por isso que essa nova versão dele me irrite tanto.

– Eu sei. – Lanço a ele um sorriso gentil. – Você é um dos bons, Beau. É por isso que não pode continuar assim.

– Assim como?

– Vindo todo dia ao meu bar para beber até entrar em um estupor melancólico.

Um som baixo e agudo escapa quando ele bate a cabeça repetidas vezes contra a parede e leva as mãos ao rosto para esfregá-lo.

– Isso me ajuda a dormir à noite.

– O quê?

Chego a ouvir meu coração batendo forte em meus ouvidos. Por algum motivo, essa não é a resposta que eu esperava.

É dolorosamente sincera.

– O álcool. Me ajuda a dormir. Volto para casa e apago. Não tenho dormido bem ultimamente.

Fico com o estômago embrulhado ao ouvi-lo dizer isso.

– Isso significa que você dirige assim?

Aponto para a protuberância de chaves em seu bolso da frente.

Os olhos arregalados de Beau tentam se justificar, desesperados e desolados. Me sinto uma idiota por achar que ele fosse diferente de Gary. Que ele teria bom senso suficiente para pegar um táxi, em vez de dirigir nesse estado.

Fui tola em cair na encenação de bom-moço quando ele está claramente se transformando em outra pessoa. Posso vê-lo se desfazendo bem diante dos meus olhos. E não quero fazer parte disso. Não posso me dar ao luxo de desmoronar junto com ele.

– Beau.

Dou um passo à frente, me aproximando mais. Ele fica perplexo, mas estou aborrecida demais para me preocupar com limites nesse momento. Sempre me senti mais à vontade perto dele do que da maioria das pessoas. Beau sempre teve esse poder sobre mim, e é por isso que não penso duas vezes antes de enfiar a mão em seu bolso e confiscar suas chaves.

Seu corpo enrijece, mas ele não faz nenhum movimento para me impedir. O tilintar do metal entre nós me faz encará-lo em busca de um sinal de que fui longe demais.

Inclino o rosto e, por um momento, me sinto enfeitiçada por ele.

Só vejo aqueles olhos iluminados e o movimento de sua garganta quando ele engole em seco.

– Vou fazer um chá de camomila – digo, quebrando o silêncio desconfortável entre nós. – Ajuda a dormir. Mas você precisa me prometer que esse tipo de gracinha não vai se repetir.

Ele assente e abaixa a cabeça.

– Prometo.

A tensão entre nós evapora quando ele me segue de volta para o bar. Olhares curiosos o analisam, e ele fica parado, inquieto no lugar, como se tivesse que limpar o vidro quebrado.

– Senta o rabo aí, Eaton – resmungo, varrendo os cacos.

A última coisa que quero é ter que limpar o sangue dele.

Dá para ver que Beau está constrangido. E é bom que esteja mesmo, mas não vou cutucar a ferida. Ele já está se punindo o bastante. Em vez disso, preparo uma caneca fumegante de chá, limpo a cerveja que ele derramou, varro e recolho as evidências de sua explosão com uma pá de lixo e continuo trabalhando como se ele não estivesse ali.

Sirvo mais chá.

Ele bebe.

Não conversamos, mas ele me observa, girando a caneca entre as mãos largas. Sinto o contorno das chaves no bolso de trás da minha calça jeans.

Pete, nosso cozinheiro, aparece por ali, vindo dos fundos do bar, às dez da noite.

– Tudo bem por aqui, Bails? Já fechamos a cozinha.

Examino o local. Está movimentado para uma segunda-feira à noite, mas dá para administrar. De qualquer forma, só ficamos abertos por mais duas horas.

– Sim, está tudo bem – respondo, fazendo um breve sinal de positivo.

Pete retribui o gesto com um sorriso e sai pela porta da frente. Ele veio da cidade, então não chegou já me odiando. Trabalhar com ele é uma maravilha.

Quando verifico o chá de Beau novamente, ele pergunta:

– Então ele vai embora e você fica aqui sozinha o resto da noite?

Dou de ombros e pego sua caneca para colocar mais água.

– É. Sou gerente de turno agora, então, se estivesse mais movimentado, eu teria pedido para uma garçonete ficar, mas a liberei mais cedo.

Beau apoia os antebraços no balcão, as pontas dos dedos longos apoiadas umas nas outras, como se precisasse fazer algo com elas.

– Mas você está sozinha? Você fecha o bar sozinha?

O vapor sobe enquanto a água quente sai do recipiente.

– Isso.

Ao deslizar a caneca pelo balcão até as mãos dele, me pergunto quanto será que coloquei de água quente, porque o chá parece terrivelmente aguado.

Eu me agacho e vasculho a caixa de chá na prateleira. Aqui não é exatamente uma casa de chá, mas encontro outro saquinho de camomila e o

coloco na caneca, fazendo uma nota mental para pedir ao gerente geral, Jake, que reponha o estoque.

Quando amarro o barbante na alça, Beau não tira as mãos da xícara, como se estivesse ávido para sentir o calor.

– O gerente sabe disso?

– Jake? Provavelmente. Ele que faz a escala. Nunca conheci o novo dono, é um investidor que não se mete nas operações. Enquanto o lugar estiver dando lucro, duvido que eles se importem também.

Ele franze a testa.

– Isso é perigoso. E se acontecer alguma coisa com você?

Meus dedos roçam sua mão enquanto completo o nó.

Olho para ele de relance e arqueio uma sobrancelha.

– Tipo algum cara entrar aqui dando chique e derrubando cerveja?

Ele me fuzila com o olhar, e tento não sorrir para ele.

– Sei lidar com isso – falo, com um dar de ombros indiferente.

Como sempre fiz. Tenho cuidado de mim mesma desde que me entendo por gente. Não é grande coisa. É apenas a realidade.

A única coisa que Beau me dá em resposta é um olhar sério e um grunhido.

Mas não vai embora. Ele fica tomando chá pelo resto da noite. Por duas horas, fica ali sentado, vigiando. E quando expulso todo mundo à meia-noite e fecho, ele fica para trás, me protegendo em silêncio.

– Você está sóbrio? – pergunto, enquanto ele me acompanha pelo estacionamento escuro até o meu carro.

– Passei duas horas bebendo a porra daquele chá de camomila. Nunca estive mais sóbrio ou mais hidratado em toda a minha vida.

Respiro fundo e tiro as chaves do bolso de trás, estendendo-as para ele.

– Não faça cagada aqui de novo, Beau.

Ele se prepara para dizer alguma coisa ao se esticar e roubar as chaves de mim.

– Você mudou muito, Bailey.

Eu me permito um sorriso sem graça, porque, obviamente, todos nós mudamos. Eu não podia continuar sendo aquela garotinha petrificada e apavorada para sempre.

Eu queria mudar.

– Você também mudou muito, Beau.

Seus olhos analisam os meus, como se estivessem buscando algo neles.

– Em quais dias você trabalha?

Eu bufo, olhando para baixo, tirando minhas próprias chaves da bolsa.

– Em quais eu não trabalho?

– Tá, em quais noites você trabalha sozinha?

– De domingo a terça – respondo, fechando o zíper da bolsa.

Beau assente e diz um “Certo” conciso antes de me dar as costas, revelando exatamente o militar que ele é. Cabeça erguida, ombros perfeitamente alinhados.

Como se fosse um cavaleiro de armadura brilhante.

Alguém que começa a puxar um banquinho de domingo a terça para me fazer companhia enquanto toma chá de camomila até meia-noite.

## CONHEÇA OS LIVROS DE ELSIE SILVER

### CHESTNUT SPRINGS

Sem defeitos

Sem coração

Sem controle

Sem juízo

Sem saída



Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

